



14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 04 – Sociologia da Cultura

*UTOPIA E ESTRUTURA DE SENTIMENTOS NO MOVIMENTO DE MULHERES
CAMPONESAS DE SANTA CATARINA (MMC/SC)*

Júlia Samily Kich¹

Fábio Carminati²

Este artigo investiga a relação entre as músicas, a utopia e a estrutura de sentimentos da militância no Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina (MMC/SC). Ele está organizado em três seções. Na primeira seção, realizaremos uma breve contextualização do surgimento da indústria cultural no Brasil, da efervescência política e cultural nos anos 60 e do romantismo como movimento cultural em sua dimensão crítica anticapitalista e revolucionária. Na segunda seção, a partir de uma etnografia realizada em um dos encontros do MMC/SC, apresentaremos algumas discussões teóricas do materialismo cultural, em especial para situar e compreender o momento que as militantes cantam a canção “Axé - Irá Chegar” neste encontro, em relação singular-universal com o sentido que as canções têm para o movimento. E na última seção, apontaremos algumas considerações finais que fazem parte da pesquisa mais geral a qual se conecta este artigo.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul campus Chapecó. julia.kich@estudante.uffs.edu.br

² Doutor em Sociologia Política (UFSC), professor do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul campus Chapecó. fabio.carminati@uffs.edu.br

O conceito de utopia aparece pela primeira vez na história na obra do filósofo Thomas More. Ele foi o primeiro teórico a cunhar a palavra combinando o grego ou-topos (não lugar) com eu-topos (bom lugar), que aparece em 1516 no seu livro *Utopia*. O historiador Eric Hobsbawm sinaliza o uso de Thomas More como primeira referência da descrição do significado de utopia como uma “tentativa para delinear a sociedade ideal do futuro, o que no século XIX significava basicamente uma sociedade comunista (Hobsbawm, 2011, p.15). No século XVI o horizonte da sociedade socialista estava muito mais alinhado aos socialistas utópicos³, que era pouco ou nada semelhante ao que passou a ser defendido no século XIX com o advento da Revolução Industrial e a transformação social proposta pelos pensadores Karl Marx e Friedrich Engels.

Na sociologia as discussões sobre a utopia iniciam com Karl Mannheim, em sua principal contribuição publicada em 1929 intitulada “Ideologia e Utopia”, ele analisa o que seria utopia a diferenciando de ideologia; “Um estado de espírito é utópico quando está em incongruência com o estado de realidade no qual ocorre” (Mannheim, 1968, p.216). Ou seja, a utopia não se define estaticamente, ela transcende a dualidade de “bom” e “mau” lugar, do sonho e do idealismo, e se estabelece como vetor de ruptura com a forma histórica existente em vistas a algo que pode vir a ser. Ao contrário da ideologia que para Mannheim são ideias que mesmo visando a transcendência, organizam-se para manter a ordem e jamais realizam efetivamente uma prática transformadora (Mannheim, 1968, p.218).

Dessa maneira, a questão que este trabalho pretende desenvolver é ideia de utopia consolidada por autores de tradição materialista histórica, como Michael Löwy. Ou seja, a utopia como um irrealizável que atua como força motriz da transformação social, que se opõe a ideologia como visão de mundo e atua na articulação de novos valores culturais, éticos e estéticos (Löwy, 2000, p.12). Na perspectiva adotada, quando a utopia é mobilizada por movimentos sociais como no caso do Movimento de Mulheres Camponesas, o grupo organizado avança em ações de subversão e de crítica social e lança um novo campo de possíveis nas relações sociais. É nesse sentido que compreendemos em grande medida o repertório de canções do MMC/SC, tanto no momento de sua criação quanto e especialmente quando as canções são cantadas coletivamente.

³ A exemplo de Charles Fourier (1772-1837) os socialistas utópicos eram estudiosos do comportamento burguês. Entretanto, ao mesmo tempo que eram donos de fábricas, críticos do progresso e até mesmo defensores da emancipação das mulheres, suas ideias não contribuíram para que a transformação social de fato ocorresse. (Hobsbawm, 2011)

1 CANÇÕES QUE PROTESTAM A ORDEM E O INÍCIO DA INDÚSTRIA CULTURAL NO BRASIL

A indústria Cultural emerge no Brasil em meados dos anos 70. Conforme Renato Ortiz (1991), é nesse momento que ocorre o advento de uma produção cultural voltada ao mercado no país. Ao mesmo tempo é nesse cenário que artistas e intelectuais, a partir de suas produções culturais, realizavam oposição a nova ordem política que se instaurava.

Este fenômeno refere-se a uma presença do que Michael Löwy e Robert Sayre em sua obra “Romantismo e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade (2015)” chamam de um romantismo- revolucionário. Ele aparece em um cenário de efervescência das movimentações da esquerda brasileira, que é incorporada na vida social dos brasileiros e influência nas transformações de sua produção cultural, seja no cinema, no teatro, na literatura e nas canções. Como mostra Ortiz, é a dimensão crítica e romântica que é obliterada pela indústria cultural que, ao se instalar, apropria-se da produção cultural dessa época.

Uma teoria da cultura é exposta aqui a partir da compreensão que Raymond Williams (1969) elabora da história da cultura no capítulo V da obra “Cultura e Sociedade”. De acordo com o autor, não há uma contraposição entre pensamento e sentimento, sendo a cultura muito mais como um processo que revela a interação da estrutura econômica e das relações sociais dela decorrentes, que acabam por defini-la.

Durante o golpe militar de 1964, as esquerdas promoviam uma fase de efervescência da cultura brasileira e politização das massas, como nunca havia antes ocorrido. Os grupos guerrilheiros dividiam a esquerda em diferentes matizes dos caminhos de seu projeto de transformação social pelas vias da Revolução Brasileira.

Enquanto isso, as Forças Armadas aderiam a um comportamento contrarrevolucionário como órgão coercitivo de defesa do Estado Burguês de domínio sobre as classes subalternas, como assinala o historiador Jacob Gorender. Estava em destaque no pensamento marxista a busca pela melhor “receita da luta armada”. Isto decorre pelo fato de que nos anos 60, havia no âmbito da filosofia marxista uma irrupção a favor do estruturalismo

o estruturalismo de Althusser, declarou a questão do humanismo um falso problema para o marxismo, uma vez que o homem inexistia. Eliminou a subjetividade em favor do objetivismo absoluto, do qual fez o pedestal para um novo formalismo com aparência cientificista. [...] A novidade althusseriana foi concebida com entusiasmo pela intelectualidade esquerdista brasileira, que procurava no marxismo um dispositivo produtor de certezas incontrovertidas (Gorender, 1987, p.78).

Este pensamento esteve presente de forma hegemônica na maioria dos grupos de esquerda – acreditava-se na tese que a burguesia nacional seria uma aliada na busca pela ruptura da ordem social. Além de impasses nos apoios as reformas intermediárias a Revolução, a influência da ortodoxia marxista e a negação da existência do campesinato no Brasil confrontavam-se pelas influências das experiências socialistas internacionais,

A influência internacional tinha outra fonte importantíssima nas lutas revolucionárias dos países com predominância camponesa. As vitórias das revoluções cubana e argelina, a guerra travada pelo Vietnã contra os Estados Unidos e a Revolução Cultural chinesa impressionaram tremendamente a juventude politizada dos anos 60. Daqueles eventos e do que sobre eles escreveu ressaltava uma conclusão: a potência revolucionária do campesinato. (Gorender, 1987, p.76)

Estas foram, como escreve Gorender (1987, p.73), “as ideias que fizeram a cabeça da esquerda” entre 64-68 e as mesmas que levaram ao desarme da sonhada revolução e a facilitação do sucesso do golpe de 1964.

A hegemonia da liderança nacionalista burguesa, a falta de unidade entre várias correntes, a competição entre chefias personalistas, as insuficiências organizativas, os erros desastrosos acumulados, as ilusões reboquistas e as incontinências teóricas – tudo isto em conjunto explica o fracasso da esquerda. (Gorender, 1987, p.67)

Carminati (2014) mostra que a derrota das esquerdas brasileiras durante o golpe de 1964 é experienciado como uma utopia perdida. Entende-se que a utopia se perde quando é alijada de seu elemento de crítica e separada da realidade que lhe dá origem. Esse processo que ocorreu com a esquerda da época é marcado tanto pela fragmentação das esquerdas quanto pela atomização da sociedade brasileira. Essa fragmentação é resultado direto do golpe de estado, do extermínio de militantes, da censura e da implantação da indústria cultural no Brasil

Por outro lado, o fortalecimento da cultura se mostrava capaz de passar por cima das Forças Armadas, isto até 1968. Criou-se assim instituições responsáveis por fortalecer a relação do povo com a cultura. Segundo Gorender (1987, p.48)

Partiram da UNE os Centros Populares de Cultura, pródigos no âmbito do teatro, da poesia, do cinema. Com apoio de setores progressistas da Igreja Católica, expandiu-se o Movimento de Educação de Base, atuante nos bairros pobres. O método de alfabetização de adultos do educador Paulo Freire teve aplicação em Pernambuco e daí se difundiu pelo país.

Em 1968, os chamados “Anos de Chumbo” inauguram a repressão intensa e o fechamento completo da Ditadura Militar, mas nem isto conteve a grande expansão cultural experienciada no Brasil, que para Carminati (2014) configurava-se como uma cultura nacionalista e anti-imperialista que se somava a aversão aos partidos comunistas, a renovação do marxismo e a crítica a visão dualista anteriormente difundida. Neste contexto de destaque no cenário

musical da Bossa Nova e da Música Popular Brasileira, Ridenti (2010) constata a presença de certo romantismo-revolucionário.

O romantismo exposto aqui extrapola a sua concepção como escola literária da segunda metade do século XVIII ao século XIX, ao estabelecer concordância com a abordagem inaugurada por Löwy e Sayre (2015). Nela o romantismo é caracterizado como *weltanschauung*, isto é, como visão de mundo que é elaborada por Löwy a partir de Lucien Goldmann e Georg Lukàcs. Esta visão de mundo faz parte da cultura e da política produzidas pela esquerda brasileira nos anos 60, não havendo sido dissolvida pelo tempo – permeado pelas mesmas estruturas que engendraram o romantismo no mundo como crítica anticapitalista.

Foi o romantismo como movimento cultural que realizou a oposição frente a realidade de exacerbada valorização da razão e de desumanização que o racionalismo iluminista propagava. Os apoiadores do movimento romântico valorizavam a sensibilidade, a emoção e o subjetivismo como forma dos indivíduos relacionar-se com o mundo – para além do racionalismo⁴. Assim, entre os autores ingleses como Edward Thompson e Raymond Williams, encontra-se estudos sobre o romantismo como movimento de crítica a modernidade. Na concepção de Michael Löwy (2015, p.39)

Para nós, o romantismo representa uma crítica da modernidade, isto é, da civilização capitalista, em nome de valores e ideais do passado (pré-capitalista, pré-moderno). Pode-se dizer que desde sua origem o romantismo é iluminado pela dupla luz da estrela da revolta e do “sol negro da melancolia.

Desse modo, amplia-se a reflexão ao questionamento sobre quais valores românticos estaríamos fazendo referência e a quais relações sociais mediadas pelo capital realiza tal oposição. Para Löwy (2015) a visão romântica caracteriza-se então pela melancolia da perda de valores humanos que foram alienados.

Estes valores são de um estado perpétuo de luta por um projeto de sociedade futura. Esta sociedade futura passa, nas palavras de Löwy (2015), por uma poetização do presente que valoriza as revoltas da subjetividade e da afetividade, o caráter único de cada personalidade, liberdade, amor e união com os seres humanos e o universo, nostálgicos da harmonia perdida entre homem e a natureza. Os românticos

sentem dolorosamente a alienação das relações humanas, a destruição das antigas formas orgânicas e comunitárias da vida social, o isolamento do indivíduo em seu eu

⁴ conjunto de teorias filosóficas (eleatismo, platonismo, cartesianismo etc.) fundamentadas na suposição de que a investigação da verdade, conduzida pelo pensamento puro, ultrapassa em grande medida os dados imediatos oferecidos pelos sentidos e pela experiência.

egoísta – que constituem uma dimensão importante da civilização capitalista, cujo centro principal é a cidade (Löwy, 2015, p.66)

Sendo assim, a oposição do romantismo ao mundo moderno centraliza-se a cinco principais características deste mundo segundo Löwy (2015); 1. O desencantamento do mundo; 2. A quantificação do mundo; 3. A mecanização do mundo; 4. A abstração racionalista; 5. A dissolução dos vínculos sociais. Frente ao estado moderno baseado na propriedade privada, na fragmentação social e na burocratização, “O romantismo, é, em grande medida uma reação do “entusiasmo cavalheiresco” contra as “águas geladas” do cálculo racional, levando muitas vezes a uma tentativa desesperada de reencantar o mundo” (Löwy, 2015, p.53).

Frente a isso, como, desesperadamente, o mundo se reencanta? As forças que buscam o reencantamento do mundo de relações sociais fragmentadas manifestam-se, no Brasil, na sua produção cultural. Antes de 1964, a cultura produzida no Brasil pela classe média estava aliada a certo compromisso com a politização das massas. Este é o exemplo das músicas produzidas nesta época com o auxílio do CPC (Centro Popular de Cultura) criado em 1962 pela UNE (União Nacional dos Estudantes) para conscientizar a classe trabalhadora principalmente contra o subdesenvolvimento (Ridenti, 2000, página?).

O povo brasileiro embora pense, dance e cante / como desenvolvido / Não come como desenvolvido / Não bebe como desenvolvido / Vive menos, sofre mais / Isso é muito importante / Muito mais do que importante / Pois difere os brasileiros dos demais / Personalidade, personalidade / Personalidade sem igual / Porém... subdesenvolvida, subdesenvolvida / E essa é que é a vida nacional! (Lyra; Benevides, 1962).

Na música “Canção do Subdesenvolvido” composta em 1962 para o disco “O povo Canta” do CPC, a utopia é mobilizada frente a dominação cultural realizada pelos Estados Unidos que se colocava como “país amigo”. Nesta e em outras músicas como Opinião (1964) de Nara Leão, e outras canções como de Chico Buarque e Geraldo Vandré, se encontra uma estrutura de sentimentos (Williams, 1979) responsável por estabelecer um orgulho nacional frente a realidade do subdesenvolvimento.

Pode-se ver que a experiência viva da brasilidade revolucionária como estrutura de sentimento tem uma história peculiar a partir das artes e da cultura no Brasil, ao mesmo tempo que está sintonizada com o cenário político e internacional. Polos contraditórios conviviam em diferentes intensidades e arrumações internas em diversos movimentos e obras de artistas específicos: brasilidade e internacionalização; passado e futuro; raízes culturais e modernidade (Ridenti, 2010, p.93)

Ridenti (2000) concorda que a utopia perdida animava os corações das pessoas engajadas nos anos 60 por meio da estrutura de sentimentos que os cantos encantavam – e isto ele chama de brasilidade romântico-revolucionária – que para o autor mostrava-se como uma coordenada

histórica que transformava as músicas em frases estampadas em faixas e acompanhantes sonoras de mobilizações e passeatas dessa época.

O que se levanta como questão é os fatores históricos que levaram a utopia a se perder. Há músicas como “Bye Bye Brasil” de Chico Buarque (1980) que retratam o que Ridenti (2010) utilizando-se de um vocabulário de Raymond Williams, chama de declínio da estrutura de sentimentos. Parafraseando a canção, as fichas das esperanças que moviam a luta pelo socialismo pareciam haver acabado e era necessário desligar. A sociedade brasileira e sua vanguarda (artistas, militantes e intelectuais) aos poucos adaptava-se ao seu novo destino – a nova ordem sob a ditadura militar que perduraria por 21 anos;

Você é tão moderno / Se acha tão moderno / Mas é igual a seus pais / É só questão de idade / Passando dessa fase / Tanto fez e tanto faz / Você com as suas drogas / E as suas teorias / E a sua rebeldia / E a sua solidão (Legião Urbana, 1985).

Como mostra a música “A Dança” de Legião Urbana, nascia uma nova geração, perdurada pela modernização conservadora⁵ que a Ditadura Militar presenteou. Nas décadas de 1970 e 1980, o declínio de uma estrutura de sentimentos associava-se também ao cenário internacional, ao período da Guerra Fria e o assassinato de líderes revolucionários como o do argentino Che Guevara – que havia tornando-se um ícone dessa estrutura de sentimentos.

Era tempo de construir novas respostas às mudanças na organização social e não repetir os erros de seus pais – parafraseando a célebre música - embora permanecessem a espera do socialismo. Nesse cenário, vivencia-se o que Ridenti (2010) chama de “sobrevida da estrutura de sentimentos”, mas agora aglutinada pelo avanço da Indústria Cultural (Ortiz, 1991) que cercou a militância e suas canções que acabavam por se tornar um item de consumo. O fetichismo da mercadoria⁶ de Marx invade a cultura e a política brasileira.

Em 1980, as condições eram outras: a sociedade havia se modernizado e urbanizado, o nacionalismo terceiro-mundista era coisa do passado, o culto ao povo cedia lugar ao imaginário do PT à constituição da classe trabalhadora, assim como se esgotava a noção de partido de vanguarda informada pelo marxismo-leninismo. Não havia como a brasilidade revolucionária expressão nas obras artísticas permanecer. Contudo, os movimentos sociais insurgentes, o novo sindicalismo, as Comunidades Eclesiais de

⁵ Refere-se ao processo de industrialização e urbanização capitalista do Brasil, especialmente durante a ditadura militar (1964-1985), que promoveu inovações tecnológicas e estruturais sem alterar a concentração de poder e a estrutura social tradicional.

⁶ “O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria cria. Com a valorização do mundo das coisas (Sachenwelt) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (Menschenwelt)” (Marx, 2010,p.80)

Base da Igreja informadas pela Teologia da Libertação, a luta contra a ditadura nos seus estertores, o surto da imprensa alternativa, o fim do AI-5 e da censura, a Anistia, a vitória da revolução na Nicarágua, em 1979, e outros fatores criavam em setores artísticos e intelectuais – identificados ou não com os primórdios do PT – a sensação de continuidade em relação à antiga estrutura de sentimento (Ridenti, 2010, p.107-108).

A nova realidade narrada pelo sociólogo confronta a esquerda a reinventar-se tendo suas armas culturais diluídas novamente pelas águas geladas do capital. Porém, a história cultural da esquerda brasileira não tem seu fim no que é afirmado por Ridenti (2010) como seu declínio. O autor afirma que a sensação de sua continuidade passa por uma totalização no surgimento de novos movimentos sociais dispostos a conquistar não mais a revolução – mas a redemocratização do país e a abertura dos direitos que anteriormente haviam sido suprimidos e torturados.

A palavra de ordem do socialismo parece ter sido substituída pela de redemocratização e estabilização de um estado de direitos, o que Ridenti (2010) chama de uma “individualidade pós-moderna” como estrutura de sentimentos – é isto que a próxima seção se propõe a peneirar – o que seria essa estrutura de sentimentos que permeia ainda os protestos de militantes de esquerda e especialmente, do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC/SC) que entra em cena nesta época.

2 A ESTRUTURA DE SENTIMENTOS DA ESQUERDA BRASILEIRA

Nos anos 60, ao mesmo tempo que o Brasil sofria o golpe militar, a resistência de grupos da esquerda brasileira passou a ganhar forma, principalmente com manifestações culturais. Por esquerda brasileira entende-se o que escreve Jacob Gorender:

o conceito referencial de movimentos e ideias endereçados ao projeto de transformação social em benefício das classes oprimidas e exploradas. Os diferentes graus, caminhos e formas dessa transformação social pluralizam a esquerda e fazem dela um espectro de cores e matizes (Gorender, 1987, p.7).

Essa concepção de esquerda é válida até os dias de hoje, e observamos que se manifesta na maioria das canções do Movimento de Mulheres Camponesas. Nos referimos a canções por observar que no MMC elas não são apenas ouvidas, mas sempre cantadas pelo grupo que as ouve. Ao contrário do que costumeiramente se entende por músicas, as canções em sua maioria não são cifradas, mas registradas em cartilhas ou livros de canto, em formato de poema. Essa distinção vai ao encontro do sentido corrente, como, por exemplo, expresso nos dicionários. Enquanto a música faz referência a um termo geral para a arte cantada ou instrumentalizada, a canção é feita para ser cantada pela voz humana, especialmente em coro ou coletivo. Cantar é

uma das formas do movimento social dar vida a palavra, de recriá-la e de mobilizar uma determinada estrutura de sentimentos.

Pode-se evocar a distinção que Sartre (2004) faz entre prosa e poesia para compreender melhor o sentido que a canção adquire nas práticas do MMC.

Também não há dúvidas de que as artes de uma mesma época se influenciam mutuamente e são condicionadas pelos mesmos fatores sociais. Mas aquele que querem provar o absurdo de uma teoria literária mostrando que ela é inaplicável à música devem antes provar que as artes são paralelas. Ora, esse paralelismo não existe. Aqui, como em tudo o mais, não é apenas a forma que diferencia, mas também a matéria; uma coisa é trabalhar com sons e cores, outra é expressar-se com palavras. As notas, as cores, as formas não são signos, não remetem a nada que lhes seja exterior. Sem dúvida, é impossível reduzi-las estritamente a si mesmas, e a ideia de som puro, por exemplo, é uma abstração; como mostrou muito bem Merleau-Ponty na *Phénoménologie de la perception* [fenomenologia da percepção], não existe qualidade ou sensação tão despojadas que não estejam impregnadas de significação. (Sartre, 2004, p.10)

Sartre mostra que a música, assim como a poesia, está do lado da pintura e da escultura na relação com o seu objeto imanente, enquanto a prosa é a dimensão do significado transcendente expresso pelas palavras. (Sartre, 2004, p.13). As militantes, ao desvelar o objeto pelo canto, transpõem significados para além da materialidade do papel. As múltiplas vozes cantando em uníssono fazem com que sejam criadoras e mantenedoras das significações e emoções inerentes aos valores do movimento que como palavra cantada vivência a música como canção.

Dessa maneira, o uso de canções pelo MMC parece estar envolvido a sua atuação como grupo organizado que não se reduz a formas fixas ou se engessa em uma instituição, mas opera como uma estrutura de sentimentos (Williams, 1979) que contribui para dificultar a serialidade ou atomização da sua militância;

[...] Estamos interessados em significados e valores tal como são vividos e sentidos ativamente e as relações entre eles. [...] “Falamos de elementos característicos do impulso, contenção e tom, elementos especificamente afetivos da consciência e das relações, e não de sentimento em contraposição ao pensamento, mas de pensamento tal como sentido e de sentimento como pensado: a consciência prática de um tipo presente, numa continuidade viva e inter-relacionada (Williams, 1979, p.134).

Na estrutura de sentimentos que permeia a arte produzida em um período histórico comum, o sociólogo galês descobre a emoção que transcende a vida privada e torna-se social. Nesse sentido, a estrutura de sentimentos sempre se relaciona a uma época e uma geração que a vive.

Desse modo pela experiência vivida da canção, o posicionamento de crítica social reveste a cultura comum da militância (Williams, 2011). A utopia que se realiza na prática do MMC conquista não só a mente, mas o coração. Acaba assim por não se reduzir a heroicização

militante vistas no século XX - que compreendia a utopia como alienação. Neste caso, a utopia atua como mediação da vocação em viver para a política (Weber, 2018).

No dia 24 de julho de 2025, em uma quinta-feira de manhã, ocorreu o encontro das regionais do MMC de Maravilha, Campo Erê e Pinhalzinho em uma sala de formação na Paróquia São José Operário em Maravilha/SC. Havia aproximadamente 100 mulheres presentes. Todas exerciam no encontro a vocação de viver para a política como militantes do MMC/SC. Neste encontro, a observação participante revelou, na prática, a mediação da música para a produção e reprodução da utopia como crítica social e cultural no projeto das militantes.

Chama a atenção as únicas presenças masculinas. O padre, que apenas apareceu brevemente, cumprimentando as organizadoras, e alguns assessores de deputados do Partido dos Trabalhadores, que estavam ali como representantes da parceria entre estado e sociedade civil.

Algumas mulheres entram em fileira, e marcam o início do encontro. As mulheres a frente são as mais jovens e estendem em seus braços a bandeira do MMC, seguidas de militantes veteranas que levam cestas de alimentos com frutas, chás, sementes e hortaliças. Quando finaliza a entrada das militantes, a leitura de uma poesia é iniciada;

Segundo Congresso do Movimento de Mulheres Camponesas / Existimos porque lutamos / Momento de afirmação de nosso Movimento Autônomo / Feminista, Camponês, Popular.

Na vida! Amamos o que conhecemos / Por isso amamos nosso Movimento, carregado de conquistas / Nós organizamos para além de nossas casas, de nossos Quintais.

Conseguimos o Salário maternidade / Nossa aposentadoria, pensão das viúvas, auxílio-doença / O Sistema Único de Saúde / Que tem muito a melhorar / Mas incluiu muita gente / Para poder se tratar.

Me emociona dizer que voltamos a estudar / Hoje tenho profissão / E toda documentação / E entendo que todo direito / Vem da luta Popular.

Amo o Movimento e juntas vamos falar / Da luta não fujo! Na luta continuaremos / Fortalecer a luta em defesa da vida! Todos os dias.⁷

A leitura desta poesia revela o objetivo da reunião. Trata-se de um encontro de preparação de uma nova fase do Movimento de Mulheres Camponesas. Refere-se ao fortalecimento de seus planejamentos para o futuro e renovação de lideranças, frente ao II Congresso Nacional

⁷ Poesia de Justina Cima, militante e dirigente do MMC/SC.

do Movimento de Mulheres Camponesas que acontece em Brasília/DF dos dias 13 a 15 de outubro de 2025.

Logo após o momento da poesia, começa um canto, que em seu refrão diz, “Para mudar a sociedade do jeito que a gente quer, participando sem medo de ser mulher” com todas as mulheres em pé cantando e batendo palmas. Pela letra e forma de cantar, vai se revelando o que o movimento social é, um movimento histórico de uma classe, a conduta coletiva de uma historicidade (Touraine, 1978). Na canção revela-se o projeto do grupo, “é no âmbito da totalização que a negação da negação se torna afirmação” (Sartre, 2002, p.165). Isto é, aquilo que em relação a negação da negação, a sociedade tenta fazer nascer, a utopia, que começa a aparecer desde os primeiros minutos de observação, como horizonte e estrutura de sentimentos.

Observa-se na canção a ocorrência da práxis na afirmação da mulher camponesa frente a sua condição. As canções contam quem são essas mulheres e de que processos históricos já foram sujeitos. Enquanto a canção vai terminando, algumas mulheres carregam cestas e a bandeiras, que vão sendo colocadas na ornamentação do evento, e que fica no centro do espaço escolhido. As cestas e bandeiras não parecem ser para elas apenas objetos, mas o que Sartre definiria como a práxis da totalização de suas histórias de vida.

“A práxis é uma passagem do subjetivo para o objetivo pela interiorização, o projeto como superação subjetiva da objetividade em direção a objetividade, tenso entre as condições objetivas do meio e as questões objetivas do campo dos possíveis, representa em si mesmo a unidade em movimento da subjetividade e da objetividade, essas determinações cardeais da atividade. O subjetivo aparece então, como um momento necessário do processo objetivo (Sartre, 2002, p.80)

Nesse sentido, é observado uma ação de superação nas canções, que transformaram diferentes períodos da história e processos de luta em canção. Enquanto cantam, as mulheres passam de objetificações para sujeitos de ação, que carregam em si um projeto de sociedade – que se totaliza em grupo.

O espaço ornamentado completa os significados do encontro. Além das cestas repletas de uma diversidade de plantas, sementes crioulas de diferentes lugares, livros, panos roxos, frutas e da bandeira do movimento em formato circular, há uma vela, uma bíblia e fotografias de momentos históricos das lutas do passado que estão esparramadas pelo chão.



Figura 1: Simbologias da ornamentação. 24 de jul. 2025. Maravilha/SC. Arquivo pessoal

Essa ornamentação é construída pelo trabalho mútuo que lembra a reciprocidade que o sociólogo Antônio Candido identificou em suas análises sobre o modo de vida rural, que chama de “ajuda mútua”, traço fundamental da organização da sociabilidade e da vida cultural dos parceiros em seus bairros⁸ no interior de São Paulo na década de 40. Assim se constitui a prática dos mutirões;

Consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação etc. Geralmente os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimento e uma festa que encerra o trabalho. (Candido, 2023, p.91).

No MMC, a ornamentação é preenchida com aquilo que garante a manutenção das vidas, assemelhando-se a cooperação narrada por Candido. Quando cada grupo de militantes chega ao lugar do encontro, também carregam consigo um alimento que será partilhado com todas. Depositam este alimento em uma mesa – integrando-se na dinâmica do encontro a pesquisadora também registrou a participação por meio da partilha de alimentos. Com efeito, para Candido

⁸ “O que é bairro – perguntei certa vez a um velho caipira [...] “Bairro é uma espécie de naçãozinha” (Candido, 2023, p.87). Áreas do território rural que os moradores têm sentimento e unidade de pertencimento.

(2023) a partilha de alimentos faz parte de uma certa forma de práticas simbólicas e imemoriais dos caipiras,

Hoje, quando oferecemos café as visitas ou damos um almoço de aniversário, prolongamos de certa forma práticas imemoriais, em que a ingestão de alimentos obtidos com esforços, e irregularmente, trazia uma poderosa carga afetiva, facilmente transformadas em manifestações simbólicas. À medida que a civilização assegura a regularidade do abastecimento, esta carga diminui, para manifestar-se quase apenas nas ocasiões importantes da vida (Candido, 2023, p.41)

Ali observamos que como na parceria caipira, as mulheres do MMC realizam um trabalho de cooperação, e que o alimento antes de ser mercadoria, é culturalmente o vínculo que fortalece a sociabilidade ali constituída. O trabalho de ornamentar o espaço transforma o ambiente em um lugar histórico. E, para além do mutirão como um trabalho que ainda faz parte dos valores da sociabilidade rural destas mulheres – mesmo que em menor medida em um cotidiano fragmentado pelo capital - o trabalho é vivido como tarefa política do encontrar-se para organizar-se e celebrar, o que para nós assemelha-se em grande medida a tese de Antônio Candido referente aos mutirões.



Figura 2: Mesa de partilha de alimentos. 24 de jul. 2025. Maravilha/SC. Arquivo pessoal

Quando começam a cantar, as participantes entoam as canções com o corpo, batendo palmas, levantando bandeiras.

Irá chegar um novo dia / Um novo céu, uma nova terra / Um novo mar / E nesse dia, os oprimidos / A uma só voz, a liberdade, irão cantar / Na nova terra o negro não vai ter corrente / E o nosso índio vai ser visto como gente / Na nova terra o negro, o índio e o mulato / O branco e todos vão comer no mesmo prato / Na nova terra o fraco, o pobre e o injustiçado / Serão juízes deste mundo de pecado / Na nova terra o forte o grande e o prepotente / Irão chorar até ranger os dentes / Na nova terra a mulher terá direitos / Não sofrerá humilhações e preconceitos / O seu trabalho todos irão valorizar, das / Decisões ela irá participar / Na nova terra os povos todos irmanados / Com sua

cultura e direitos respeitados, farão / Da vida um bonito amanhecer / Com igualdade no direito de viver⁹

Neste dia e em outros encontros, a primeira e o segunda estrofes são cantadas com uma intensidade que independe do auxílio da letra – liberdade e direitos são enfatizados. A letra cantada apresenta uma dimensão utópica, de imaginação e esperança de um mundo outro possível (Löwy, 2000). Essa canção enfatiza a disputa pelo projeto de um novo mundo, livre da opressão e da desigualdade social.

“Axé - Irá Chegar” é uma das músicas mais antigas cantadas pelo MMC. A música datada em 1986 faz parte do repertório das músicas das Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) – vinculada a ala progressista da igreja na Arquidiocese de Chapecó.

A implementação do modelo de CEBS que se pretendia na Diocese passava pela implementação dos grupos de Reflexão nas Comunidades e Paróquias. Era um exercício de conscientização e formação de lideranças de base. O trabalho de implementação das Comunidades Eclesiais de Base na Diocese tem como marco inicial o ano de 1974, com a implementação de grupos de reflexão, nos quais eram feitas discussões confrontando os textos bíblicos com a realidade das comunidades [...]. Com o objetivo de conscientização das comunidades para a nova igreja comprometida com as causas sociais. (Gomes, 2021, p.113)

De acordo com Manzatto (2022, p. 43), “A cultura brasileira expressa nas canções da CEBs retrata a realidade nacional: um país dominado, seu povo explorado e oprimido. Mas retrata também aquilo que é a características mais específica do povo simples do país: a esperança.”. Nas entrevistas, a informante E6 afirma que, desde 1996 quando começou a participar da coordenação estadual do MMC, esta canção é uma das mais mobilizadas pelas mulheres em diferentes momentos de seus encontros. E outra militante questiona: “Irá chegar. Mas será que eu vou conseguir ver isso aí? Mas vai chegar quando? Essa utopia... Às vezes eu tenho...Sei lá, um certo medo dessa utopia. [...]” (E2¹⁰2025.). Ao mesmo tempo que E4¹¹ afirma a importância do pensamento utópico como bandeira de luta do MMC;

E no MMC, eu acho que a utopia é também a bandeira, assim, né? De luta, que é pelo fim de todas as formas de violência. E pela libertação das mulheres. Eu não acho que isso seja uma utopia inalcançável, porque eu acho que a gente vai chegar lá, sabe? Por mais que leve tempo, a gente já avançou muito. (E4, 2025)

⁹ https://www.youtube.com/watch?v=R17A7pzEXIM&list=RDR17A7pzEXIM&start_radio=1 Acesso em: 06 de abril de 2026

¹⁰ Militante nascida em 1969.

¹¹ Militante nascida em 1998.

3 Considerações finais

As páginas precedentes revelam a relação do Movimento de Mulheres Camponesas com as influências da sua época cultural em suas práticas, principalmente, em relação à utopia. A perspectiva adotada ancora-se nas análises de Michael Löwy e Marcelo Ridenti sobre a contribuição do pensamento de Raymond Williams na compreensão da cultura e política no Brasil e que neste trabalho é utilizada para investigar a produção da utopia na militância do MMC.

A partir do conceito de estrutura de sentimentos entende-se que há uma relação central entre engajamento militante e a utopia que se encarna em suas práticas, canções e experiências. A estrutura de sentimento do MMC está vinculada a significados e formas culturais, principalmente em relação às canções que ressoam os valores da esquerda como movimento social nascido no pós-ditadura.

Nesse sentido, as canções fazem parte do engajamento das mulheres camponesas como um repertório central da sua luta. É a partir das canções que o movimento social afirma sua narrativa e sua utopia. Isto é o que se depreende na etnografia descrita na seção anterior. A produção e a reprodução de canções de caráter romântico revolucionárias estabelecem o vínculo das histórias de vida das militantes com um projeto de transformação histórica. As canções atuam como elemento de oposição a fragmentação promovida pela indústria cultural na modernidade. Desse modo as canções, ao serem cantadas pelo movimento, fazem parte da estrutura de sentimentos que colaboram para processo de totalização do grupo que reverbera a utopia em seus 43 anos de existência como movimento social autônomo de mulheres.

Vale ressaltar que estas considerações ainda são provisórias e ligam-se a pesquisa em andamento no trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais intitulado “Lutas que se-
meiam canções: A produção social da utopia no Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina (MMC/SC)”

REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico. **Bye bye Brasil**. Compositores: Chico Buarque e Roberto Menescal. Intérprete: Chico Buarque. *In*: BUARQUE, Chico. **Vida**. São Paulo: Philips, 1980. 1 disco de vinil. Lado B, faixa 4

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida**. São Paulo: Editora Todavia, 2023

CARMINATI, Fábio. **A utopia perdida: literatura e revolução no Brasil de Antônio Callado**. 2014.

HOBBSBAWM, Eric J. **Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011**. Tradução de Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LEGIÃO URBANA. **A dança**. Compositores: Dado Villa-Lobos, Renato Russo, Renato Rocha. Intérprete: Legião Urbana. *In*: LEGIÃO URBANA. **Legião Urbana**. Rio de Janeiro: EMI, 1985. 1 disco de vinil (38 min). Lado A, faixa 3.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. Tradução de Juarez Guimarães e Suzanne Jaber. 7ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LYRA, Carlos. **Canção do subdesenvolvido**. Compositores: Carlos Lyra e Geraldo Benevides. *In*: LYRA, Carlos. **Carlos Lyra e o CPC**. Rio de Janeiro: Philips, 1962. 1 disco de vinil. Faixa 1.

MANHHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

MANZATTO, Antônio. Canções nas Cebis. **Annales FAJE**, Belo Horizonte, v. 7, n. 3, p. 37-43, 2022.

MORE, Thomas. **Utopia**. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LEÃO, Nara. **Opinião**. Compositor: Zé Kéti. Intérprete: Nara Leão. *In*: LEÃO, Nara. **Opinião de Nara**. Rio de Janeiro: Philips, 1964. 1 disco de vinil. Faixa 1.

GOMES, Paulo. **Dom José Gomes: a revolução pela palavra**. Curitiba: CRV, 2021.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira. Cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro: Artistas da Revolução do CPC à era da TV.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

RIDENTI, Marcelo. **Brasilidade revolucionária: um século de cultura e política.** São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética: precedido por Questão de Método.** Trad. de Guilherme J. de F. Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é a literatura.** 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004

TRESSMANN, Ismael; LUTZ, Marli. **Irá chegar um novo dia (Axé).** [S. l.]: [s. n.], 1986.

TOURAINE, Alain. **Os movimentos sociais.** In : FORACCHI, M.M.; MARTINS, J. de .S. *Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia.* Rio de Janeiro: LTC, 1978.

WEBER, Max. **Ciência e política:** duas vocações. São Paulo: Cultrix, 2018

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1969.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura.** Tradução de Valtencir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.